



As cores das escrituras hebraicas na literatura rabínica

The Colors of The Hebrew Scriptures in The Rabbinical Literature

Daniela Susana Segre Guertzenstei*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

guertzenstein@uol.com.br

Resumo: O judaísmo rabínico se desenvolve entre letras e textos que transcendem as figuras impressas. As cores das escrituras hebraicas do judaísmo refletem conceitos além da imaginação. Este artigo tem como objetivo apresentar algumas passagens sobre a composição das palavras hebraicas e explicações sobre as cores, seus sentidos e significados nos textos bíblicos hebraicos no contexto da literatura judaica rabínica. A abordagem utilizada auxilia a memorização do vocabulário hebraico por intermédio da associação entre as raízes simbólicas e literárias das unidades linguísticas hebraicas.

Palavras-chave: Cor. Escrituras Hebraicas. Judaísmo.

Abstract: The rabbinical Judaism develops itself between letters among texts, which transcend printed pictures. The colors of the Hebrew Scriptures in the Jewish literature reflect concepts over the visual imagination. This article aim is to show some narratives, the composition of some Hebrew words and explanations about colors and their meanings in the Hebrew texts in the rabbinical Jewish literature context. This article approach helps the memorization of Hebrew vocabulary through the connection found between the symbolical and the literal roots of the Hebrew morphemes.

Keywords: Color. Hebrew Scriptures. Judaism.

Introdução: o alfabeto hebraico e as cores

O que são e quais são as cores nas escrituras bíblicas hebraicas? Quais seus sentidos e significados? Onde estão as cores nas escrituras massoretas e em inumeráveis textos judaicos, escritos letra por letra, na cor preta sobre a cor branca, às vezes amarelada, um tanto opacas ou também sedosas e brilhantes? Portanto, onde estão as cores do conteúdo mágico de textos bíblicos hebraicos da extensa exegese rabínica, antes restrita a uma

* Doutora em Letras Orientais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.



elite doutrinária e aos seus discípulos, que a produção em série que abastece a expansão do comércio global transformou-os em bens de consumo em vários formatos, edições e idiomas inclusive disponíveis na internet?

Existem infinitas abordagens para analisar as traduções das escrituras hebraicas e as suas apropriações pelos mais variados contextos religiosos. As narrativas bíblicas inspiram e ilustram inúmeras manifestações culturais. A aura dos mitos sagrados legitima interesses morais e políticos dos discursos de lideranças missionárias atrás de discípulos e de consumidores fiéis. A trivialidade do sagrado é a assimilação de seus valores míticos na cultura de massa. A simbologia dos mitos em seus *best-sellers* porta a aura de sagrados enquanto não descartáveis e/ou supressos por outros.

Cada letra do alfabeto quadrático hebraico massoreta é um símbolo dotado de poderes específicos e significados relativos à sua contextualização. As letras hebraicas equivalem a valores numéricos e as palavras hebraicas são sentenças matemáticas. Este artigo tem como proposta somente expor a conjunção de unidades linguísticas que formam as palavras e dão sentido aos significados que identificam conceitos e cores nas escrituras massoretas transmitida na literatura rabínica. Nesta oportunidade, são apresentadas elucidaciones da hermenêutica rabínica que dá sentido a exegese judaica.

As letras hebraicas massoretas, conhecidas como escrita assurita na literatura rabínica, significam valores e representam poderes. Não vem ao caso, aqui, tratar sobre a origem dogmática desse alfabeto e tampouco refletir sobre as hipóteses e teorias que explicam à aura e/ou o caráter icônico, semiótico e semiológico que envolve esses símbolos em diferentes contextos religiosos e nas suas mais variadas manifestações culturais.

Este artigo apresenta brevemente a simbologia de algumas cores que surgem do texto preto e branco das escrituras hebraicas dos textos rabínicos. A riqueza semântica do hebraico e a falta de figuras das escrituras israelitas fortalecem a perspectiva da análise textual, baseada, digamos, em uma suposta estrutura de DNA linguístico, semântico e literário. Esta abordagem, portanto, representa a procura de raízes linguísticas míticas da crença que a letra hebraica é um pórtico de um código sobrenatural. Muitos exegetas e mestres rabínicos se utilizam, inclusive, desse tipo de análise para suas interpretações das escrituras hebraicas.

Para manter o vínculo entre o som tônico de uma letra hebraica (que pode ser marcada com um ponto interno que enfatiza a sonoridade tônica) e das matrizes simples dessas mesmas letras que representam o som fraco (sem ponto interno); neste artigo, a transliteração da letra em sua matriz simples (som fraco) é acompanhada pela letra 'h'.

A letra hebraica tônica 'b' (*beth*) tem o som da letra B em português e a sua matriz simples é transcrita como 'bh' (*veth*). A transcrição 'bh' deve ser pronunciada com o som



da letra V em português. A letra hebraica tônica 'k' (*kaf*) tem o som da letra K em português e a matriz simples 'kh' (*khaf*) deve ser lida com o som de RR em português (assoprado gutural com a língua baixa sem levantamento da língua no palato).

A letra hebraica tônica 'p' (*pe*) tem o som da letra P em português e a matriz simples 'ph' (*fe*) deve ser lida como o som da letra F em português. A letra hebraica tônica 't' (*tav*) que tem o som da letra T em português tem a matriz simples 'th' (*thav*). A diferença do som entre a letra hebraica tônica 't' e a sua matriz simples é somente sentida entre os judeus da Europa Oriental que pronunciam a matriz simples com o som equivalente ao da letra 's' em português e entre os judeus italianos que a pronunciam como a letra 'd' em português. A letra hebraica 'shin' neste artigo é transliterada como SCH e deve ser lida como a letra X na palavra lixo em português equivalente ao som das letras CH em português e em francês.

A letra hebraica 'he' no início e meio da palavra tem o som assoprado bem de leve, sendo menos sentido no final da palavra e será representado pela letra H. A letra hebraica 'het' tem o som semelhante, mais leve e assoprado através do palato, do que a matriz simples da letra hebraica 'kaf' – 'khaf'. Neste artigo, o som da letra 'het' como da onomatopéia da simulação de uma risada sem graça brasileira HA-HA-HA será transliterado como h.

1 Criacionismo hebraico: *Abra K'dabrá*

O termo conhecido do folclore popular brasileiro: *Abra K'Dabra* pode ser pronunciado *Ebhrá K'Dbrá* (*Evrá K'Dbr"*) na sua origem hebraica bíblica, que chegou ao folclore nativo com a sonoridade aramaica. A expressão "Abra Kadabra" significa *Abra* = Criarei; *K* = como/do modo; *Dabra* = Fala/Dito/Coisa/Dizeres. O criacionismo bíblico fundamenta-se, como é sabido, na crença de que a fala foi usada para criar e tem o poder de ser usada para esse fim.

A tradição rabínica proíbe pronunciar o tetragrama do nome divino pela fé no poder de sua sonoridade. Na liturgia judaica, a pronúncia do tetragrama do nome divino é trocado pela vocalização da expressão "meu senhor" em hebraico. A seguir, são apresentadas palavras hebraicas e denominações que representam às cores nos contextos literários hebraicos estimulando a comparação desses valores aos de outras culturas.

Quando pensamos em cores, devemos levar em consideração que as escalas de cores diferem de um lugar a outro dependendo da iluminação. Alguém dos trópicos é praticamente daltônico, e suas retinas não estão habituadas, frente aos vários tipos de cinza conhecidos no Polo Norte.



As cores são mais do que efeitos e reações estudadas para a cromoterapia. Os estudos literários analisam as manifestações do subconsciente coletivo e enriquece o compartilhamento do patrimônio cultural humano. A capacidade sublime que difere os humanos dos outros animais é o sistema cognitivo que permite registrar e transmitir para seus semelhantes suas experiências permitindo que se organizem coletivamente. A transcrição do reconhecimento das cores e suas associações na composição das palavras hebraicas e seus sentidos na literatura hebraica são manifestações literárias que merecem ser transliteradas e explicadas para que possam ser entendidas em outros idiomas.

Continuemos agora com a apresentação de manifestações literárias das escrituras hebraicas que apresentam alusões e conceitos relacionados às cores e os sentidos que esses adquirem quando interpretados em conformidade com a literatura judaica rabínica:

2 Cor vermelha: vermelho *adom*

Adom em hebraico significa vermelho em português. *Adam* (Adão) segundo as escrituras foi o primeiro humano; seu corpo foi feito com o uso da *adama*, que é terra. O sangue é *adom*, sangue em hebraico é *dam* e o sangue representa a vida animal.

Comparar literalmente e literariamente a cor do sangue humano que estamos acostumados à cor do sangue de Adão, o primeiro humano bíblico criado macho-fêmea oriundo da terra é no mínimo uma tarefa instigante. O sangue de um anêmico não tem a mesma tonalidade do sangue de alguém saudável, mas é senso comum que sangue é vermelho. A terra vermelha das férteis regiões do sudoeste brasileiro não é igual à terra arenosa do sertão brasileiro, e, tampouco ao terreno rochoso da região de Jerusalém.

A arte impressa de figuras literárias se manifesta nas mais variadas tonalidades, diferentes das cores pálidas fáceis de serem associadas à terra do Gênesis, entendida na literatura judaica como um jardim paradisíaco que desapareceu entre os extensos territórios arenosos do Iraque ainda que pelo calendário judaico 5766 anos atrás. Mas todos nós sabemos que sem sangue não vivemos.

Esaú bíblico é apresentado como uma pessoa hirsuta e rubra e os *edomitas* são associados a ele.¹ As lentilhas que Esaú queria devorar, em Gn. 25:25-30, eram avermelhadas. O

¹ KRISHEWSKY, 1992. Gn 25:25-30: 25 Saiu o primeiro, ruivo, todo revestido de pelo; por isso, lhe chamaram Esaú. 26 Depois, nasceu o irmão; segurava com a mão o calcanhar de Esaú; por isso, lhe chamaram Jacó. Era Isaque de sessenta anos, quando Rebeca lhe deu à luz. 27 Cresceram os meninos. Esaú saiu perito caçador, homem do campo; Jacó, porém, homem pacato, habitava em tendas. 28 Isaque amava a Esaú,



Talmude Babilônico apresenta um conto, no qual um *amorá*² rasga o vestido de uma mulher no mercado, porque este vestido era vermelho como a crista de um galo.³ Em outro conto do Talmude Babilônico, aparece que os judeus não devem usar cadarços vermelhos nos sapatos, porque eram usados com a finalidade de pouco recato, nos calçados de pessoas que faziam uma determinada idolatria.⁴

O rubi que é rubro, o vermelho, representa a tribo de Rubens na Placa do *Hoschen* (peitoral) do Sumo Sacerdote do Templo de Jerusalém. O *Hoschen* do Sumo Sacerdote era um quadro com doze pedras, em que sobre cada pedra o nome de uma das doze Tribos de Israel se encontrava gravado e nos reflexos de suas letras eram interpretadas as respostas divinas. O rubi, explica o Rabino Bachya (1255-1340), tem qualidades que ajudam parturientes e ao vermelho são atribuídas propriedades que dão vida, fortalecem e aquecem.

O pigmento vermelho púrpura da fruta *Tolaat Schani*⁵ era usado no Templo de Jerusalém para pintar roupas sacerdotais. O vermelho representa, frequentemente, o sangue, caracterizando a vida. No entanto, a cor vermelha está constantemente ligada ao pecado, mas também é associada à graça e à alegria.

O vermelho remete a gulas carnis, ao sangue e à violência. A carne *kascher*,⁶ segundo as normas judaicas, depois do abate, em conformidade com lei judaica, é salgada e tem o sangue, que representa a vida, retirado e jogado fora. As mulheres judias, segundo as

porque se saboreava de sua caça; Rebeca, porém, amava a Jacó. 29 Tinha Jacó feito um cozinhado, quando, esmorecido, veio do campo Esaú. 30 e lhe disse: Peço-te que me deixes comer um pouco desse cozinhado vermelho, pois estou esmorecido. Daí chamar-se Edom. Disponível em: <<http://biblia.com.br/joaoferreiraalmeidarevistaatualizada/genesis/gn-capitulo-25/>>.

Acesso em: 5 mar. 2018.

² *Amorá* (aramaico): Sábios judeus que produziram o Talmude por volta do III ao V séculos da era comum.

³ TALMUDE BABILÔNICO. Tratado de Brakhot, 1996, p. 19.

⁴ TALMUDE BABILÔNICO. Tratado Sanedrin, 1996, p. 74b.

⁵ Ex 25:4, KRISHEWSKY, 1992.

⁶ *Kascher*, em hebraico, significa apropriado para determinado fim, segundo as leis judaicas.



autoridades rabínicas, não devem se vestir de vermelho. O vermelho e o ouro, na cabalá,⁷ são associados ao conceito de força e de severidade.

Nas sextas feiras de dias longos durante o verão, quem antecipa o recebimento do sábado, o *Shabat* santo, (rabinicamente, pode-se antecipar o recebimento do *Shabat* e retardar o seu término, o oposto é proibido) é desaconselhado beber vinho vermelho, durante o pôr-do-sol, na bênção que santifica a vinda do *Shabat*.

O planeta Marte é chamado em hebraico de *Madim*; e este nome do planeta remete ao vermelho. É este planeta vermelho, que reina no céu na hora do pôr-do-sol; quando a cor celeste tinge-se de vermelho no horizonte, associando este horário à severidade. Quem conhece esse princípio, geralmente mantém o costume de usar vinho branco, para abençoar a santificação do *Shabat* (dia da pausa do trabalho, sétimo dia) durante o pôr do sol. Em tempo: o *Shabat* judaico é recebido antes do pôr-do-sol de sexta-feira, seu início dá-se durante o pôr-do-sol ao anoitecer da sexta feira e termina com o aparecimento das primeiras três estrelas do sábado à noite.

Na mitologia romana, o vermelho de Dionísio é o vermelho do amor divino e representa a paixão de Cristo, a Cruz Vermelha, e não tem nada a ver com o judaísmo. A mordida na maçã vermelha, do símbolo de Nova York, tem significados singulares, mas segundo interpretações rabínicas, o fruto do pecado do Paraíso não era uma maçã.

3 Cor azul celeste: celeste e azul *tkhelet* e *kahol*

Os *tsitsioth* são franjas especiais com oito fios juntos dobrados em dois e trançados, em que um deles deveria ser azul, colocadas pelos judeus nas pontas de suas roupas masculinas com quatro cantos, de acordo com os versículos em Nm 15:38-40 e Dt 22:12.

No Talmude Babilônico, R. Meir questiona por que o azul é escolhido: essa cor é escolhida porque ela se assemelha ao mar; o mar parece-se com o céu e o céu remete ao "Trono da Glória", do qual está dito: "Sob os seus pés... a pedra safira"⁸ (Pentateuco em Ex 25:4) na Bíblia.

Os fios azuis recebiam a cor do *hilazon*, que era um coral, ou um peixe, encontrado uma vez a cada setenta anos. Pode ser que o *hilazon* fosse encontrado todos os dias, mas que cada tipo de *hilazon* usado, só era reencontrado a cada setenta anos (o peixe subia uma vez a cada setenta anos). Mas a cor azul celeste descrita, não se parece com a cor do

⁷ A tradução literal da palavra "cabalá" do hebraico é "recebimento". Ela faz parte do conhecimento oral do judaísmo, compõe-se de estudos místicos sobre as escrituras, a criação e o criador no judaísmo. KAPLAN, 1985.

⁸ TALMUDE BABILÔNICO. Tratado Menahot, 1996, p. 43b.



hilazon ordinário encontrado no golfo de Haifa, ela pode ser a cor de um *hilazon* das ilhas de Elischá na Itália, assim como aparece nas escrituras em Ez 27:7.

Há quem defenda que o *hilazon* correto é encontrado somente em Israel, e há quem diz que o azul celeste para os *tsitsioth* é retirado de uma espécie de sangue azul de escamas de peixe. Sabemos que podem ocorrer mudanças químicas que modificaram o azul celeste; no entanto, podem existir espécies raras de *hilazon* como nos é mencionado no Talmude Babilônico.

Existem também discussões sobre qual era a pedra safira, que remete a cor e o brilho celestial. O azul é associado na cabalá (mística judaica) ao conceito de realeza.

4 Cor verde: verde *iarok* e *tsahov* (amarelo)

O verde representa a materialização da cor celeste do céu na vegetação e tem seu significado ligado ao azul celeste do céu, mas recebe também conotações associadas à cor azul amarelada que o constitui.

O verde amarelado representa a vegetação seca no Pentateuco em Dt 27:22, representa a cor de pânico nas escrituras em Jer. XXX:6, representa talvez a cor do azeite, segundo o *Midrash Gênesis Rabá*⁹ aproxima-se da cor do empalidecer. Comentaristas rabínicos dizem que Esther, feita rainha pelo Rei Assuero da Pérsia, era esverdeada.

Rabeinu Bachya, quando explica as características e simpatias das cores do *hoschen* (peitoral) do Sumo Sacerdote, escreve que a África é quente e que o verde da sua vegetação tem a propriedade de esfriar, refrescar e acalmar.

Os hospitais de muitos países pintam as paredes de verde e os médicos usam uniformes verdes. No Brasil, os hospitais preferem outras cores e os médicos se apresentam de branco, simbolizando a limpeza e a assepsia clínicas.

Dante Alighieri escreveu que quem de verde se veste da sua beleza se despe. Quem gosta de se vestir como um vegetal, é bom que saiba que o uso do verde na roupa, pode ressaltar o tom avermelhado da cor oposta, no rosto de quem o usa.¹⁰

O verde e o amarelo, na mística judaica, representam o conceito da faculdade da compreensão, do entendimento. O verde, o amarelo e a cor púrpura representam, também, cabalisticamente, o conceito da propriedade da beleza.

5 Contrastes, cores complementares, o branco e o preto

⁹ *Midrash Rabá* é uma coletânea de estudos e pesquisas rabínicas sobre as escrituras editada originariamente pelo Rabino Oschaya Rabá do século III da era comum.

¹⁰ TISKI-FRANCKOWIAK, 2000.



Uma explicação do *Midrasch*¹¹ conhecido diz que o Todo-Poderoso, antes da criação, olhou para a Torá (ensinamentos das escrituras; Pentateuco), que estava escrita em fogo preto sobre fogo branco e criou o mundo. O contraste do preto sobre o branco apresenta clareza para a leitura. O preto e o branco não são, no contexto judaico, apresentados como cores contrárias.

Os contrastes de cores complementares, ou contrárias, dificultam a visão e impossibilitam a leitura regular. Um texto longo escrito em verde sobre fundo vermelho, ou vice-versa, o torna praticamente ilegível.¹² Esse mesmo efeito ocorre entre a cor azul e a laranja. Quando alternamos cores complementares pelo movimento em um mesmo espaço, por exemplo, a mesma quantidade de verde (azul amarelado) e de vermelho, o reflexo conjunto será branco. Um disco que tenha cada 120 graus de sua face pintada com cada uma das cores básicas (amarelo, azul e vermelho), girado a certa velocidade, refletirá o efeito da cor branca.

Labhan (*Lavan* ou Labão) significa branco. *Laban* ou *Labhan* (*Lavan*) e *Rivka* (Rebeca), pai de *Leá* (Léa) e *Rahel* (Raquel), não é um exemplo de personagem puro ou idôneo pelo fato de ser branco. Líbano, em hebraico *Lebanon* ou *Lebhanon* (*Levanon*), também apresenta proximidade nominal com o branco. A lua em hebraico é chamada de *Lebhana* (*Levana*), ou seja, branca.

O *shesch*, em português linho, era o símbolo da pureza física e intelectual, tendo a cor verdadeira da luz sem modificações nas escrituras em Ct 5:10, Dn 4:10, 14, 20 e Zc 14:5. O branco representa o conceito cabalístico da coroa divina que não se vê porque é branca invisível.

Segundo a literatura rabínica, o céu não é branco porque cegaria os homens com a sua cor infinita. Da reflexão das cores básicas em movimento conjunto resulta o branco, e um prisma divide a luz branca em cores. Ao passar do reflexo à matéria e da cor à tinta, vemos que juntando as tintas dessas cores, obtemos uma tinta de cor escura, próxima ao marrom, púrpura e preto.¹³

No Talmude Babilônico, tratado de Taanit (p. 22), um indivíduo de sapatos negros, como os sapatos dos não judeus, não pode ser recriminado por calçar como os pagãos,

¹¹ *Midrasch* é um compendio da literatura oral da tradição rabínica com explicações sobre as escrituras hebraicas.

¹² TISKI-FRANCKOWIAK, 2000.

¹³ Rabino Guinsburgh, aula em agosto de 1985 na cidade antiga de Jerusalém, têm conferências e trabalhos publicados por Galei Yanai, Israel.



pois ele trabalhava no cárcere e evitava que ocorressem proibições sexuais entre os presos.¹⁴

A mística judaica associa o conceito de propriedade da bondade à cor branca e à prata. O preto é associado pela cabalá ao conceito da propriedade da sabedoria; o preto, cabalisticamente, é a cor que inclui todas as cores: o preto e o púrpura escuro próximo do preto.

6 Cor púrpura: púrpura *argaman*

A decoração do Tabernáculo e muitas roupas sacerdotais eram de cor púrpura; em hebraico: *argaman*. A cor *argaman* que seria um roxo avermelhado simboliza a sublimidade, o poder, a realeza e a glória nas escrituras em Is. IX:6 e Juizes VII:26. E era associada à dignidade real nas escrituras em I Reis. X:20 e XI:58.

7 Cor rosa: rosa *varod*

A cor rosa claro na cabalá representa o conceito de propriedade da vitória e o rosa escuro, a propriedade do esplendor.

8 Cores do arco-íris

O arco-íris simboliza o pacto divino com *Noah* (Noé) no Pentateuco em Gn 10:8-17. *Noah* em hebraico significa descanso. O pacto divino garante que os descendentes de *Noah* não serão mais apagados da terra com as águas de um dilúvio que destrua toda a carne. O arco da aliança divina seria visto na ordem contrária à ordem dos arco-íris que vemos como produto do reflexo corriqueiro de alguns campos úmidos. Algumas pessoas não apontam para um arco-íris, porque o arco-íris representa o pacto, pelo qual a humanidade não será mais destruída, e se o pacto nos é recordado, é possível que a humanidade mereça ser destruída agora.

No Pentateuco, em Gn 9:4, 5, 6 e 7, são ordenados mandamentos para os descendentes de *Noah* (Noé). Os rabinos decodificam estes mandamentos em sete leis básicas. Sete são também as cores do arco-íris; sete são os dias da semana; seria interessante encontrar alguma explicação que relacione todos esses números setes.

9 Escuridão

A escuridão das pragas do Egito na saída do povo de Israel, segundo o *Midrasch* que contém estudos de exegese sobre a literatura rabínica,¹⁵ não estava ligada somente à

¹⁴ TALMUDE BABILÔNICO. Tratado de Taanit, 1996, p. 22.

¹⁵ Comentário de Rashi, Rabino Shelomo bar Itzhak, sobre o versículo Ex 10:21 do Pentateuco com comentário de Rashi em: KRISHEWSKY, 1992.



reflexão das cores. A escuridão era densa e material. Os egípcios ficaram literalmente presos no espaço em que se encontravam; alguém que estivesse pulando naquele momento teria ficado suspenso no seu pulo. A escuridão descrita não era somente física, o ar se tornou uma massa negra, densa e consistente, prendendo as pessoas. Simbolicamente, os egípcios estavam presos a si próprios.

Reflexões finais

Espero que esta pequena arqueologia textual tenha conseguido trazer alguma luz sobre os sentidos e significados das cores nas escrituras hebraicas na cultura judaica.

O assunto das cores no judaísmo não se encerra por aqui. Quem procura sobre cores e judaísmo na Internet, não encontra normalmente só assuntos literários e de história religiosa. O estudo da cor remete à coloração de manchas na pele e em outros lugares, à cor de órgãos de animais e a manchas femininas de sangue. As cores e as formas condizentes do vestiário feminino são assunto de vários manuais de conduta judaica religiosa.

Segundo os rabinos, um cego tem a capacidade de cumprir os mandamentos judaicos, porque o judaísmo baseia-se no cumprimento da palavra. Um surdo-mudo, mesmo que enxergue muito bem, não tem condições de cumprir o judaísmo. O judaísmo não utiliza a imagem para transmitir e incutir a religião. O judaísmo é incutido por intermédio do cumprimento e o aprendizado da palavra de seus textos. Cumprir a palavra divina de acordo com as autoridades rabínicas é, assim, mais importante, do que discutir a cor exata das franjas das roupas masculinas dos judeus religiosos; na falta do azul exato, as franjas dessas roupas são da cor natural da lã na qual elas são preparadas. O texto rabínico e o aprendizado prático pessoal, acompanhado pelo mestre, são as fontes de inspiração para que o estudioso aprenda a discernir as cores ligadas à lei.

Sem figuras pagãs, ou de origem greco-romanas, como fonte de inspiração, o judaísmo das letras faz pensar, pensar e analisar, pensar e visualizar, sonhando e imaginando... sem imagens!

Referências

BABYLONIAN TALMUD by VAGSHAL PUBLISHING LTD. 1996.

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, Linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 2000.

KAPLAN, Arye. *Meditation and Kabbalah*. Boston, MA/York Beach, ME: Weiser Books, 1985.



KRISHEWSKY, Avroham (Ed.). *Mikraot Guedolot. HaMeorot HaGedolim*. Jerusalem: Mifal Torah Mefoyreshes Institute, 1992.

SONCINO (Ed.). *Soncino Classics Collection on CD-ROM*. Judaic Classics Library. MidrashRabbah. Genesis from LXXXIV: 5 till C: 13. 1998.

TALMUDE BABILÔNICO. Tratado de Brakhot. Jerusalém: Vagshal Publishing Ltd, 1996.

TALMUDE BABILÔNICO. Tratado de Taanit. Jerusalém: Vagshal Publishing Ltd., 1996.

TALMUDE BABILÔNICO. Tratado Menahot. Jerusalém: Vagshal Publishing Ltd., 1996.

TALMUDE BABILÔNICO. Tratado Sanedrin. Jerusalém: Vagshal Publishing Ltd, 1996.

TISKI-FRANCKOWIAK, Irene. *Homem, comunicação e cor*. São Paulo: Ícone, 2000.

Recebido em: 07/03/2018.

Aprovado em: 07/04/2018.